



O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

150 anos da 1ª Batalha de Tuiuti – 400 anos da fundação de Belém do Pará

ANO 2016

Agosto

Nº 179

MILLENIUM CHALLENGE 2002 - MC' 02

Crônica de um Exercício Militar Corrompido.

Frederico Aranha - Pesquisador
aranha.frederico@gmail.com



Carrier Strike Group (CSG) – Formação operacional da US Navy: um porta-aviões – nesta foto o *Abraham Lincoln* que dá nome à força, uma dezena de cruzadores e destroyers, submarinos e navios logísticos.

Desde que o infame Exercício-Conceito (jogo de guerra) *Millenium MC' 02* foi denunciado pela imprensa há treze anos, variadas análises afloraram acerca do seu fracasso e eventual legado. Na época, julho de 2002, o Exercício era a mais ambiciosa e cara simulação militar da história americana. Dispôs as Forças Armadas do EEUU (*Blue team*) contra adversário potencial sem nome (*Red Team*), com a intenção de criar e regulamentar meios de decisão e estratégia futura projetada cinco anos à frente. Consistia de um desembarque em força em incerto país localizado no Golfo Pérsico. Os analistas apontavam o Iraque como alvo.

Em setembro de 2002, após o término do exercício, o colunista do New York Times, Nicholas Kristof, alertou que *ele pode nos ter ensinado uma clara lição relativa ao Iraque: derrota à vista*. (Na mesma coluna admitiu: *estou temeroso com relação ao Iraque; sou a favor de invadi-lo, mas só se pudermos fazê-lo facilmente*). O MC' 02 foi mais

tarde popularizado no livro *Blink the Power of Thinking without Thinking* (2005) (disponível na Amazon/Kindle), da autoria de Malcolm Gladwell, no qual o líder da Força Vermelha (OPFOR) – Brigadeiro General reformado do *Marine Corps* Paul Van Riper – é aplaudido por ter criado espontaneamente as condições para o sucesso com um estilo decisório que gerou rápida cognição. Recentemente, um ensaio publicado no *Marine Corps Gazette* divulgou que *os controladores do Joint Forces Command – JFCOM* (Comando Conjunto das Forças Armadas do EEUU) *alteraram o cenário* do MC' 02 e que o Alto Comando *falhou em entender a utilidade do exercício e o feed-back produzido*.

O MC' 02 pretendia ser o maior e mais elaborado exercício de geração de axiomas estratégicos e táticos da história militar do EEUU. Foi ordenado pelo Congresso americano para explorar desafios críticos dos combates no nível operacional da guerra que as forças americanas enfrentariam depois de 2010. Aprimorado durante dois anos envolveu operações do exército, força aérea e marinha. O exercício era parte real - 13.000 militares participando de 17 locais simulados, nove sites de treinamento e incontáveis computadores; e parte virtual - gerada por sofisticados programas de computação. Os operadores eram reais; as legiões por trás deles digitais. A ideia do Pentágono era promover, com base na Doutrina *Airland 2000* [1], uma demonstração de **tecnologias um passo à frente**, tencionando prover os comandantes com **conhecimento e domínio do teatro de batalha** para conduzir **operações decisivas rapidamente** contra futuros adversários.

Por causa do exercício/experimento focar comando/controle, a ênfase recaiu na funcionalidade e interface com os sistemas experimentais existentes. A carta de validação do exercício apontou falta de tempo para homologar a interação dos sistemas de armas, reafirmando ser o exercício válido especificamente para o item comando/controle e inválido para a interação dos sistemas de armas. A carta foi endereçada para os comitês representativos de todos os serviços e para o Diretor de Simulação das Forças Conjuntas e aceita como apropriada.

Oficialmente, a América (Força Azul) venceu e um Estado tiranizado foi libertado do seu diabólico ditador. O que na realidade ocorreu foi outra história, que alarmou o *establishment* de defesa do EEUU e pôs em cheque a capacidade militar para invadir o Iraque. De fato, esse jogo de guerra foi vencido por Sadam Hussein, quer dizer por o General Van Riper, comandante da Força Vermelha, fazendo o papel daquele.

Van Riper adotou uma estratégia “assimétrica” ou “híbrida”, empregando velhos métodos para escapar à vigilância eletrônica sofisticada da *network* da Força Azul. Desprezando as comunicações via rádio ou via satélite, as mensagens contendo ordens para as tropas da linha de frente foram distribuídas por meio de motociclistas e sinais de luz à moda da II Guerra Mundial foram usados para lançar ao ar as esquadrilhas de caças bombardeios. Além disso, valeu-se do sistema de radiofonia das mesquitas para transmitir dos minaretes, na hora da chamada para as orações, avisos e instruções cifradas aos operadores em terra. Na abertura do jogo de guerra, os Vermelhos receberam um ultimato dos Azuis, exigindo a rendição incondicional em 24 horas – não tomaram conhecimento. No segundo dia do exercício, alertados da aproximação da frota atacante os Vermelhos empregaram uma flotilha de pequenos e rápidos barcos militares e civis para determinar a localização dos Azuis. Tomando a iniciativa, lançaram um ataque preventivo por meio de uma salva maciça de mísseis de cruzeiro que burlaram os sensores das defesas eletrônicas dos Azuis atingindo dezesseis belonaves adversárias: um porta-aviões, dez cruzadores e destroyers e cinco ou seis navios de combate anfíbios foram afundados. Logo a seguir, capitalizando a inépcia dos

Azuis de detectá-los, como era esperado, mais uma fração da frota Azul foi afundada por ataques aéreos a baixa altura e por uma armada vermelha de botes rápidos que realizaram ataques convencionais com mísseis e ataques “suicidas”. Estes foram modelados naquele realizado pela Al Qaeda contra o destroyer USS Cole no Yemen dois anos antes. Se o resultado dos ataques fosse real, representaria a “perda” de 20.000 homens e seria o maior desastre para a Marinha Americana desde Pearl Harbour.

Nessa altura, configurado o desastre, o exercício foi suspenso. O que aconteceu a seguir é familiar para quem já brincou de “soldado” no parque. Chocado com o fim abrupto e embaraçoso do mais caro (250 milhões de dólares) e sofisticado exercício militar da história americana, o Alto Comando simplesmente decretou que nada daquilo havia ocorrido. Por ordem do JFCOM as belonaves azuis foram postas a flutuar novamente, os homens ressuscitaram, os aviões voltaram a voar e as regras de engajamento foram alteradas. A seguir instruíram a Força Vermelha para que não interferisse enquanto os *marines* azuis desembarcavam; ordenaram também que abandonasse o modelo de mensageiros e passasse a usar telefones celulares e de redes de satélites para dar ordens. Ademais, mandaram que as defesas antiaéreas vermelhas fossem desativadas em horas aprazadas para que as aeronaves azuis pudessem voar em segurança. Van Riper negou-se a obedecer às ordens, para ele absurdas. *Vou continuar a usar motociclistas e fazer anúncios nos alto-falantes das mesquitas*, disse ele, no que foi contestado – não podia empregar nenhum método de controle e comando diferente do “praticado no ocidente”. Continuou a embaraçar a Força Azul com táticas não ortodoxas até 29 de julho, quando constatou que as ordens dadas aos seus subordinados eram bloqueadas pelo grupo de controle. Negou-se a continuar jogando.

O Pentágono pensava que podia manter a manobra sob o manto da censura, porém enganou-se redondamente achando que podia calar o veterano Van Riper, típico *marine* – pouca conversa, muita ação e desassombrado em combate – suas condecorações do Vietnam comprovam. Queixou-se ele de que no início do exercício foi informado que o jogo era livre, qualquer um dos lados tentaria vencer, o que não ocorreu. Sentiu-se enganado. *Uma frase que ouvi à exaustão: isso jamais poderia ter acontecido*, disse Van Riper. *Retruquei: jamais se pensou também que alguém atacaria o World Trade Center com uma aeronave ... mas ninguém estava interessado nisso*.

O imbroglío tornou-se tema conhecido e obrigatório nos *briefings* do Pentágono com a imprensa. O Secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, convocou o Vice-Chefe da Junta dos Comandantes de Estados Maiores, General Peter Pace, para explicar porque a poderosa Força Azul precisou duas vidas para vencer. *Voce me mata no primeiro dia e eu fico treze dias fazendo nada, ou voce me ressucita e ganha treze dias de experimentos válidos, independente de mim. Qual a melhor solução?* perguntou Pace. Riper concordou em princípio com ele, porém ponderou que o argumento era irrelevante, pois o principal conceito em jogo no exercício denominado RDO (*Rapid, Decisive Operation*), segundo Van Riper e outros comandantes veteranos não passava de um jargão inteligível. *Como se alguém desejasse operações lentas e não conclusivas! É apenas um slogan*, disse ele. A questão da formulação e utilidade de conceitos tipo o RDO, calcados no RMA (*Revolution in Military Affairs*), foi objeto de intensa disputa no Pentágono em que a velha guarda uniformizada discordava dos estrategistas civis radicais que Rumsfeld havia colocado no Pentágono.

John Pike, diretor da consultoria *Global Security* de Washington, acredita que as divergências acerca do RMA e todo o *affaire* Van Riper refletiam, fundamentalmente, a diferença de opinião acerca do curso da ofensiva contra o Iraque. *Uma linha de ação era*

marchar direto para Bagdá destruindo tudo no caminho e pelo “choque e pavor” provocar o colapso do regime, afirma Pike. Era o que Rumsfeld teimava em adotar. A alternativa era atacar em profundidade, desbordar as forças iraquianas e desferir um golpe decisivo.

Como é sabido, o EEUU invadiu o Iraque no ano seguinte empregando a mesma Doutrina *AirLand* 2000 praticada pela desastrada Força Azul, embora com uma estratégia mista, direta e indireta, contemplando as duas opções descritas acima. Graças à debilidade das forças armadas iraquianas e à iniciativa e habilidade de alguns comandantes de campo americanos a vitória foi rápida e devastadora.

Pobre Iraque: não tinha um Van Riper para comandar a defesa do país.

Quais as lições legadas pelo *Millenium Challenge*?

Micah Zenko, autor do livro *Red Team: How to Succeed by Thinking Like the Enemy* (2015) (disponível na Amazon/Kindle) e Consultor Senior do *Council of Foreign Relations*, opina que o *MC' 02*

veio a ser uma referência pontual para denegrir as noções de colossal avanço e modernidade das transformações militares quiméricas que caracterizaram a era Rumsfeld. Um exercício projetado para socializar o inevitável “passo a frente” gerado pelas reformas irrealis em andamento, causou precisamente um resultado oposto.

Segundo Zenko, fez-se necessária a simulação da Força Vermelha, um investimento de 250 milhões de dólares e um General da reserva motivado e rabugento para julgar que, afinal de contas, foi um experimento altamente útil, apesar de tudo.

NOTAS

[1] Trata-se de uma reformulação da Doutrina *AirLand* 1988 baseada na guerra de atrito, apropriada para o Teatro Europeu. A ênfase da *AirLand* 2000 é na guerra de manobra.

FONTES DE CONSULTA

<http://web.archive.org/web/20070928005405/>

<http://www.jfcom.mil/about/experiments/mc02.htm>

<http://www.globalsecurity.org/>

<http://www.theguardian.com/international>

<http://www.nytimes.com/>



ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DO MINISTÉRIO DA GUERRA NO IMPÉRIO Parte V - Gen Div Francisco de Paula e Azevedo Pondé

Primeiro ministério do Marquês de Caxias

O Marquês é nomeado ministro da Guerra a 14 de junho de 1855 e, com o falecimento do Marquês de Paraná, assume a presidência do Conselho. Deixando o ministério e a presidência do Conselho, volta ao Senado onde é senador, a 3 de março de 1857. Caxias, como anota Afonso de Carvalho, não era, de feitio, um administrador apressado; e só se lança a iniciativas e empreendimentos, depois de paciente período de

observação e estudo, esgotadas suas grandes reservas de prudência e moderação. Mas Caxias já tinha ideia de como organizar o ministério e o Exército que se consolidara na Campanha contra Oribe e Rosas. Conhecia bem as necessidades prementes do Exército e a psicologia de seus companheiros de armas. O marquês sabe que o Exército está cansado e gasto pela campanha contra Rosas, mas, como político e conhecedor das dificuldades financeira do país, "nada anuncia, nada promete. Não traça programas. Prefere, à pirotécnica de faustosos programas, a política modesta de ir fazendo o que puder. É, no momento, o que dá resultado. O ministro corrige várias anomalias existentes, como a da lei nº 585 de 1850 pela qual as promoções não eram feitas ao mesmo tempo para todas as armas, o que ocasionava um grande descontentamento no Exército. A lei nº 1.634, de 1855, modificou a anterior determinando que elas se fizessem na mesma data para todas as armas. A instrução de infantaria era feita pelas instruções de Bernardes António Zagalo que nem sequer era mais adotada em Portugal. A cavalaria regia-se pelo sistema do general Beresford; a artilharia, pelas instruções da guarda real francesa do general Pardal, e as da extinta Comissão Prática de Artilharia. Caxias substitui-as provisoriamente pela tática elementar das três armas usada pelo exército português, "enquanto se não organiza uma tática elementar privativamente nossa, em harmonia com as circunstâncias peculiares ao nosso Exército, e com a natureza das nossas guerras". Caxias se preocupa sobremaneira com o cavalo do qual dependia muitas vezes o sucesso de uma companhia. Com esse propósito, contrata na França um veterinário e inicia no Brasil o ensino veterinário, contratando, ainda, em Portugal- um picador para mestre de equitação.

Não se descarta do ensino, que acha primordial para a boa formação dos quadros. E, nesse propósito, torna mais rigorosas as exigências para a matrícula nos cursos militares; transfere a instrução prática da Escola Central para a fortaleza de São João e, para exercícios de tiro e manobras de fim de ano, dota a Escola Militar com os terrenos do Salitre, junto à lagoa Rodrigo de Freitas.

Na Justiça, extingue as juntas militares, como órgão de segunda instância e fortalece o prestígio do Conselho Supremo Militar.

Para desembaraçar o comando da administração e esta do comando, cria os *Conselhos Econômicos*, depois substituídos pelos "Conselhos administrativos".

Restaura a Repartição do Ajudante General com funções mais amplas, o que foi um grande progresso porque, na época, os ministros da Guerra eram pessoas geralmente políticas e obedientes aos partidos e poucos conhecedores dos problemas militares. A figura estável do Ajudante General do Exército (decreto nº 1.881 de acordo com a lei de 30 de junho de 1856) tinha a missão precípua de defender os interesses do Exército perante o parlamento, mantendo-se, além disso, à revelia da política. O primeiro ajudante - general do Exército - foi o Tenente-General Barão de Suruí, tio de Caxias.





Vantagens de fazer pós-graduação em **História Militar** na UnisulVirtual



Perspectivas:

› **A Pós-graduação** em História Militar da UnisulVirtual possibilita um olhar para as vivências históricas passadas e do presente, desenvolvendo habilidades para a compreensão e interpretação dos aspectos relativos aos principais acontecimentos históricos militares. A história militar como ciência dinamizou e revitalizou seus objetos e campos de pesquisa. Pode ser entendida como campo e objeto de estudo de pesquisadores das diferentes áreas das ciências humanas.



Informações

Modalidade: A distância;
Titulação: Especialista em História Militar;

Duração: 18 meses, em média.



Objetivo

OBJETIVO

Formar o especialista dotado de espírito crítico e de um método de estudo desenvolvido a partir de habilidades para compreender e interpretar aspectos relativos aos principais acontecimentos históricos militares, identificando suas fontes à luz das metodologias e teorias da História para que seja capaz de atuar tanto como pesquisador quanto formador, demonstrando conhecimento qualificado.



Coordenação

**Rosa Beatriz Madruga Pinheiro,
mestre
E-mail: rosa.pinheiro@unisul.br**

Inscrições gratuitas!

Rosa Beatriz Madruga Pinheiro
Coordenadora do Curso de Especialização em História Militar
Vice Coordenadora do Curso de Tecnologia em Gestão Pública
Campus **UnisulVirtual** - Avenida dos Lagos, 41 Pedra Branca - Palhoça Santa Catarina
E-mail: rosa.pinheiro@unisul.br
Fone: (48) 3279-1228
www.unisul.br



**PÓS
GRADUAÇÃO
A DISTÂNCIA**

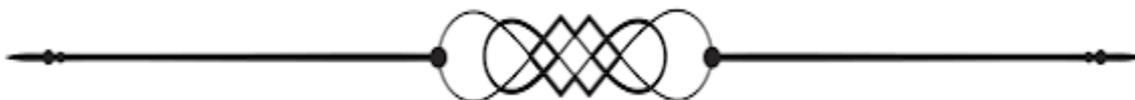
Conheça também os **Programas
de Pós-Graduação a distância.**
Mais titulações em menos tempo.

**MENSALIDADES FIXAS
NO PLANO CONTRATADO**

UnisulVirtual
A SUA UNIVERSIDADE A DISTÂNCIA

UNISUL

Nota: a pedido da UniSul Virtual colocamos a publicidade do Curso de Especialização em História Militar, entendendo que se trata de um curso de inestimável interesse para oficiais, sub-tenentes e sargentos das Forças Armadas, bem como para civis interessados no assunto.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Presidente da AHIMTB/RS

lecaminha@gmail.com

Acessem os nossos sites:

www.acadhistoria.com.br

www.ahimtb.org.br